

Entrevista

"Deixai pois [que] a minha
Úrsula caminhe...
entre vós"... no exterior...

Entrevista - Cristina Ferreira Pinto-Bailey, tradutora do romance *Úrsula* para o idioma inglês com previsão de lançamento em 2021¹

CRISTINA FERREIRA PINTO-BAILEY É UMA PROFESSORA QUE HÁ ANOS VEM SE DEBRUÇANDO SOBRE A OBRA DE MARIA FIRMINA DOS REIS.

Em 2012, apresentou em congresso o trabalho intitulado *Strategies of Self-Representation in Maria Firmina dos Reis: Narrative and Poetry*.

Em 2013, traduziu o conto *A escrava* para a revista *Afro-Hispanic Review* (Nashville/Tennessee), com o título: *The Slave Woman*.

Em outubro de 2017, foi publicado no portal Literafro seu artigo - *Na contramão: A narrativa abolicionista de Maria Firmina dos Reis*. Ainda em 2017, publicou o artigo *Maria Firmina dos Reis: A Nineteenth-Century Pioneer of Afro-Brazilian Literature* na *South Atlantic Review*.

E por fim, colaborou com estudo inédito sobre o conto *A escrava* na coletânea *Maria Firmina dos Reis: faces de uma precursora*, — livro

¹ Esta entrevista contou com a gentil colaboração da pesquisadora Roberta Flores Pedroso que trabalha em um projeto de tradução de partes da obra de Maria Firmina para o Espanhol: O capítulo *A preta Susana* - de *Úrsula*, o primeiro capítulo de *Gupeva* e a dedicatória de *Cantos à beira-mar*; além do texto que abre a edição de *Úrsula* da Editora Leitura XXI. Os textos foram selecionados por Roberta Flores Pedroso a convite das professoras Lilian Ramos e Karina Lucena, da UFRGS. E estão sendo traduzidos por duas professoras da Universidade de Montevideo.

lançado em 2018, pela Editora Malê e organizado por Constância Lima Duarte, Luana Tolentino, Maria Lúcia Barbosa e Maria do Socorro Vieira Coelho Cristina.

Atualmente, ela está trabalhando na tradução de *Úrsula* para o inglês, com previsão de lançamento para este ano de 2021.

Na sequência, você poderá acompanhar a ótima conversa que tivemos com ela sobre o processo de tradução deste romance, que é o grande homenageado da primeira edição da revista *Firminas*.

Firminas – Desde 2007 você publicou oito traduções, incluindo o conto A escrava de Maria Firmina dos Reis. Como você faz a escolha desses textos?

Cristina Pinto-Bailey – Comecei a traduzir poemas e trechos narrativos do português para o inglês por causa do meu trabalho de pesquisa e crítica literária, já que ia publicar em inglês em revistas acadêmicas nos Estados Unidos. Também quando escrevi meu livro *Gender, Discourse, and Desire*, traduzi trechos de poemas, romances e contos de escritoras brasileiras que eu discutia no livro. Depois traduzi uma série de poemas da Marina Colasanti porque gostava da sua poesia e algumas dessas traduções saíram em revistas literárias. A maioria dos textos que traduzi foi porque eu gostava da obra do autor— na verdade autora, a grande maioria desses textos são de escritoras. A exceção foi *Dentes ao sol*, do Ignácio de Loyola Brandão. A editora Dalkey Archive Press entrou em contato comigo. Pediram para eu traduzir umas dez páginas do romance como teste; acharam que estava bom e me mandaram o contrato.

Firminas – Porque o romance Úrsula entrou nessa lista de escolhas? Qual a importância de se traduzir Firmina neste momento?

Cristina Pinto-Bailey – Comecei a traduzir *Úrsula* por volta de 2008 porque surgiu uma oportunidade de publicação. A Modern Language Association tem uma série, *Texts and Translations*, e alguém no comitê

"A maioria dos textos que traduzi foi porque eu gostava da obra [da] autora, a grande maioria desses textos são de escritoras."

editorial sugeriu meu nome. Coincidiu que eu estava lendo a edição de Úrsula, da Editora Mulheres, que o Professor e pesquisador Eduardo de Assis Duarte tinha me enviado. Traduzi então um capítulo para o inglês para enviar para a MLA, foi todo um processo, e no fim não deu certo. Fiquei depois tentando encontrar outra editora e nada. Deixei Úrsula meio de lado, embarquei noutros projetos, traduzi o conto *A escrava*, que saiu publicado na revista *Afro-Hispanic Review*. Mas a importância de traduzir o romance de Maria Firmina tinha ficado muito clara para mim desde o começo pelo pioneirismo da obra e pelo papel singular da autora no contexto em que viveu: uma mulher negra, sem grandes recursos financeiros, sozinha — a voz dela tinha que se fazer conhecida. E, realmente, desde 2008 o reconhecimento de crítica e público que Maria Firmina merecia só vem aumentando.

Firminas – Para situar a obra de Maria Firmina no contexto da literatura latino-americana de autoria feminina do século XIX você afirmou² que são considerados parâmetros importantes a obra intitulada Sab (1841), de Gertrudis Gómez de Avellaneda, um romance abolicionista cubano e a obra Aves sin nido (1889), da peruana Clorinda Matto de Turner. Essas obras têm alguma recepção nos Estados Unidos ou na Universidade em que leciona? Que parâmetros são estes?

Cristina Pinto-Bailey – Existem outros parâmetros provavelmente mais importantes que nos ajudariam a compreender a obra de Maria Firmina, e especificamente o romance *Úrsula*. Nesse ensaio a que você se refere, estabeleço essa relação do romance de Maria Firmina com o de Avellaneda e o de Matto de Turner porque são três escritoras latino-americanas do período romântico que empregam certas convenções literárias e culturais semelhantes para comunicar uma mensagem política. No caso de Maria Firmina e Avellaneda, uma mensagem de denúncia contra o sistema escravocrata; e no caso de Matto de Turner,

² *Na contramão: A narrativa abolicionista de Maria Firmina dos Reis*, PINTO-BAILEY, Cristina Ferreira. Artigo disponível em www.letas.ufmg.br/literafro.

a denúncia dos abusos e violações que a população indígena do Peru sofria — e que, aliás, as populações indígenas da América Latina continuam a sofrer. Entretanto, como coloco no ensaio, há também diferenças marcantes entre as três autoras; em especial, a situação social de cada uma e o fato de que Maria Firmina era negra. As outras duas eram mulheres brancas das classes altas. De qualquer modo, situar o romance de Maria Firmina em relação aos outros dois foi uma maneira de entender a posição da escritora brasileira no contexto de uma literatura conhecida dentro dos estudos literários latino-americanos. Entretanto, um parâmetro mais importante é a produção literária de autores e autoras da diáspora africana nas Américas. Neste sentido, em outros ensaios e palestras que tenho dado sobre Maria Firmina ressalto o fato de que *Úrsula* foi publicado exatamente no mesmo ano de publicação de *Our Nig, Sketches from the Life of a Free Black*, de Harriet E. Wilson, que os críticos consideram ser o primeiro romance de uma escritora afro-americana.

Firminas – Você já traduziu autoras ‘canônicas’? Para você, qual a principal responsabilidade na tradução de autoras não-canônicas? Existe um posicionamento político nesta escolha?

Cristina Pinto-Bailey – Depende de como definimos o que é ‘canônico’. Mas de que qualquer modo, Maria Firmina nunca fez parte desse grupo e é, sim, uma escolha política traduzi-la ou traduzir escritoras e escritores menos conhecidos e não afiliados aos grandes conglomerados editoriais que dominam o mercado hoje. Em todo caso, meu trabalho como tradutora não é assim tão extenso. Traduzi, por exemplo, trechos de Lygia Fagundes Telles, somente para incluí-los em meus ensaios de crítica.

Firminas – Atualmente, foram publicadas no Brasil duas traduções em que autores narram suas histórias de vida como ex-escravizados nos Estados Unidos, são elas: Narrativa da vida de Frederick Douglass: um escravo americano, de Frederick Douglass; e Harriet Tubman: a Moisés de seu povo,

de Sarah Hopkins Bradford. Ambas pela Editora Aetia. Você percebe também um crescente interesse nos Estados Unidos sobre esse tipo de narrativa?

Cristina Pinto-Bailey - Sim, tenho observado que há um maior interesse tanto por autores clássicos e sempre influentes como Frederick Douglass como por ativistas e líderes antiescravagistas como Harriet Tubman e Sojourner Truth. E um interesse renovado por escritores como James Baldwin. Mas também há um maior empenho em resgatar autores desconhecidos ou que tinham caído no esquecimento. De modo geral, vê-se nos Estados Unidos um maior interesse em resgatar e valorizar toda a vasta contribuição cultural, científica, política, etc. de afro-americanos, e acho que isso é resultado de um longo ativismo, um longo processo de luta da população negra por um espaço que lhes pertence. Mas ainda há muito que se fazer para alcançar um reconhecimento maior, para que as pessoas aprendam sobre esses ativistas, militantes, escritores, advogados, cientistas etc., e resgatá-los da invisibilidade a que o racismo os relegou.

Firminas - Você acredita que o conto A escrava e o romance Úrsula de Maria Firmina, como manifestações literárias que discutiram a escravidão e propuseram transformações sociais em sua época, podem contribuir para uma mudança de pontos de vista sobre a história dos escravizados no Brasil por parte do público norte-americano interessado nesta temática?

Cristina Pinto-Bailey - Sim, sem dúvida, porque não há realmente outros textos brasileiros sobre essa questão traduzidos para o inglês, pelo menos não que eu saiba, com exceção do *Navio negreiro* de Castro Alves. De qualquer modo, a perspectiva que Maria Firmina oferece é realmente muito diferente daquela encontrada em obras consideradas abolicionistas de autores canônicos, como as de José de Alencar ou Bernardo Guimarães. Portanto, *Úrsula* e *A escrava* têm o potencial de mudar o ponto de vista até do público leitor brasileiro sobre a realidade da escravidão, só é preciso que se divulguem essas obras, que elas sejam lidas

"Maria Firmina nunca fez parte desse grupo e é, sim, uma escolha política traduzi-la."

e discutidas nas escolas e universidades (e, sim, tem havido um número considerável de dissertações de mestrado e teses de doutoramento sobre Maria Firmina). Para dar um exemplo do impacto do romance de Maria Firmina: este semestre, estou ensinando um curso em inglês sobre direitos humanos na América Latina, desde suas raízes no período colonial até o período contemporâneo. Lemos trechos de *Úrsula* e todos os estudantes comentaram sobre o grande impacto que sentiram durante a leitura, porque o texto humaniza os personagens escravizados e expõe de maneira muito clara a brutalidade da escravidão. O romance de Maria Firmina abriu os olhos dos alunos para a verdade da escravidão, a qual costuma aparecer de forma distanciada ou amenizada nos livros escolares. Escutar da própria voz dos personagens sobre seu sofrimento, sobre a tortura que sofrem nas mãos dos senhores de escravo, sobre o genocídio de milhares de africanos, provoca uma reação emocional e uma comunicação direta entre a mensagem do texto e a pessoa que lê, muito diferentes da reação que se pode sentir quando a mensagem é filtrada por uma voz narrativa branca hegemônica.

Firminas - A partir de sua prática de tradução você consegue avaliar a qualidade da tradução da literatura brasileira nos Estados Unidos? Quais as preferidas?

Cristina Pinto-Bailey - Não posso realmente dizer muito sobre a tradução da literatura brasileira nos Estados Unidos porque leio nossas obras em português. Mas sim, já lecionei muitos cursos de literatura em tradução e aí, claro, dou uma olhada no texto em inglês e até o comparo com o original em português. Dá para ver então que a tradução às vezes reduz a riqueza de significados que o original apresenta. Lembro, por exemplo, a impressão que tive há muitos anos, lendo uma tradução de um romance de Lispector: a tradução 'explicou' demais o texto (ou um de seus níveis de significado), perdendo aquela *slippage of meaning* que caracteriza a ficção lispectoriana. Ou seja, negou aos leitores as dúvidas e questionamentos que os leitores de Lispector enfrentam quando leem sua ficção no original. Por outro lado, há aqui nos Estados Unidos excelentes tradutores com

"Úrsula e A escrava têm o potencial de mudar o ponto de vista até do público leitor brasileiro sobre a realidade da escravidão."

grande conhecimento tanto da língua como da cultura brasileira e acho que conhecer a cultura é importante para se fazer uma boa tradução.

Firminas – Para Paulo Henriques Britto³, a meta do trabalho do tradutor é, ou deve ser a transparência — a reprodução na língua B de todos os efeitos textuais de um original na língua A. No entanto, para ele isso é naturalmente impossível, já que os recursos dos dois idiomas não coincidem, e a intenção do autor do original é inatingível. Quais foram as principais dificuldades que você encontrou ao traduzir um texto que já é desafiador pelo fato de se tratar de um Português datado da metade do século XIX?

Cristina Pinto-Bailey - Concordo que a intenção do autor ou autora de um texto possa ser inatingível; entretanto, a intenção do 'texto' não o é, ou seja, o texto—poético ou narrativo—traz em si níveis de mensagens que procura comunicar aos leitores. Em um texto rico de significados, talvez eu encontre certos sentidos e outros leitores, outros. Mas o texto—dentro de seu contexto histórico, político, etc.—também coloca um limite à gama de interpretações que dele se possa tirar.

No que diz respeito aos 'efeitos textuais' que se criam em uma língua, realmente é impossível transpô-los diretamente para outra. Na tradução de *Úrsula*, a maior dificuldade que tive foi com a sintaxe super-barroca empregada por Maria Firmina. Seu estilo narrativo é difícil até mesmo para o público leitor de língua portuguesa contemporâneo, dado o gosto da autora por períodos muitíssimo extensos, com longas sequências de orações separadas por vírgulas, e uma abundância de adjetivos e advérbios. A língua inglesa não permite esse desdobramento sintático, e foi preciso tornar a sintaxe mais concisa, com períodos curtos, muitas vezes invertendo a ordem das orações, para não perder de vista o sujeito ou o objeto da oração. Entretanto, tentei preservar da melhor forma possível um elemento que considero característico do estilo narrativo de Maria Firmina nesse romance: as locuções adjetivas ou adverbiais duplas que ela emprega

³ Poeta, professor e tradutor brasileiro.

constantemente. Mas isso também representou um desafio porque tive que tentar evitar a redundância, mas manter o elemento poético do texto.

Roberta Flores Pedroso - *Sabe-se que a tradução é na verdade um ato de criação, ou seja, o nascimento de outro texto. Sendo assim, é evidente que marcas de autoria desta nova criação terão certo realce ou apagamento do texto traduzido. Quais são os critérios para essa negociação em ter o realce ou apagamento?*

Cristina Pinto-Bailey - Essa é uma questão que tem provocado muito debate. Eu não tenho uma resposta definitiva mas acho que me coloco mais do lado das correntes teóricas de tradução que privilegiam a voz do autor ou autora. Para usar os termos colocados em sua pergunta, prefiro tentar realizar uma tradução que realce o texto traduzido, e não seu apagamento. Ou seja, espero que minha tradução permita que o público-alvo 'escute' a voz do autor ou autora, e não a minha voz. Depois desse longo e difícil processo que foi a tradução de *Úrsula*, não tenho a menor dúvida de que foi um trabalho que exigiu criatividade, pesquisa e poeticidade, mas espero que o produto final tenha sido, simplesmente, a *Úrsula* de Maria Firmina. ■

"*Úrsula*, foi um trabalho que exigiu criatividade, pesquisa e poeticidade, mas espero que o produto final tenha sido, simplesmente, a *Úrsula* de Maria Firmina."